



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
 AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL



Gaiato

OBRA DE RAPAZES; PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envóí fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN 16 de Setembro de 2006 • Ano LXIII • N.º 1631 Preço: € 0,30 (IVA incluído) Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913 Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285 Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

Moçambique

Raoul Follereau

A PARF é a sigla da Associação Portuguesa dos Amigos de Raoul Follereau, como se sabe o jornalista que se fez apóstolo dos hansenianos, em todo o mundo. Chegou às Nações Unidas onde, ontem como hoje é mais fácil e rápido decidir, reconstruir Bagdad ou Líbano do que evitar que as guerras aconteçam, arrastando consigo milhões de inocentes e deixando outros ao desabrigo dos elementares direitos humanos. É, sem dúvida, a mais trágica das atitudes dos maiores tiranos mundiais.

Raoul Follereau não levou vantagem dos grandes para lhe darem o custo de um bombardeiro ou de uma bomba atômica, com o qual

se propunha erradicar a lepra em todo o mundo. Mas fundou pequenos grupos de Amigos que mantêm o seu sonho vivo e a todo o mundo vão levando a cura do mal. África é o continente que, como em todos os males, tem maior parte de leprosos e marginalizados. E se não há aqui o ferrete bíblico da exclusão, há, todavia, o da ignorância e o do descargo.

Em Portugal tem o apoio de algumas entidades, mas sobretudo das crianças das Escolas, de grupos de jovens e de outros que têm no coração o sofrimento alheio. Não é uma Obra da Igreja, que isso afastaria certamente muitas contribuições, mas é servida e dirigida por bons católicos, que ali dão o

melhor de si mesmos sem olhar a horários nem comodidades.

Foi por mão amiga de quem, em Lisboa, dá o seu apoio, que nos chegou a primeira ajuda. Já vão anos e, desde aí, a amizade tem-se estreitado cada vez mais, a ponto deste ano sermos beneficiados com quarenta mil euros.

Temos assim garantido o apoio alimentar aos doentes com HIV, às crianças desnutridas e idosos abandonados, atingindo mais de duzentas e cinquenta. Ajudas de emergência em idas ao Hospital, para consulta e remédios da malária. Ajuda aos mais pobres, nos óbitos, com fornecimento de caixa e alimentação para aqueles que passam a tarde acompanhando a família em casa. É uma tradição que às vezes nos arrepiam, porque a família não tem nada de nada para lhes dar de comer e não há quem arrede pé. Quando a família pode, todos contribuem,

Continua na página 3

Cantinho dos Magistrados

«**A** notícia da morte do Baganha é verdadeira. Nela se disse o preciso, como é preciso. Mal a tinha feito, eis o que me aconteceu: a presença de magistrados e tudo o mais que é preciso para se proceder judicialmente à autópsia de um morto! Era o fruto de uma participação do Registo Civil.

Vieram-me anunciar, e dizem que eu mudei de cor ao tomar conhecimento; 'o mal e o bem à cara vem'. Aproximei-me da sinistra embaixada. O Magistrado diz ao que vem e quer que eu seja a primeira testemunha. É um homem novo, simpático e extraordinariamente delicado: — Desculpe. Nós temos de proceder. É a lei. Eu queria ser também delicado, mas desequilibrei-me. Reconheço que devia ficar sob prisão, pelo que disse, como disse, e a quem o disse. Neguei-me a ser testemunha e abandonei o lugar. Eu desequilibrei-me. Era a minha dor. Como se não bastasse o golpe de ter perdido um filho naquelas circunstâncias, vinha agora um outro de suspeita: desenterre-se a ver se há negligência ou crime!

Não me faltaram aqui palavras amigas, chegadas de muitos sítios: Acompanhamos V. no profundo desgosto que acaba de sofrer com a perda do querido Gaiato. Isto como amostra de tantas que chegaram. E a lei vem denegrir: Desenterre-se! É o zelo. Eu antes queria uma lei que mandasse indagar e proceder, todas as vezes que naquelas repartições aparecesse alguém a registar uma criança sem pai. Isso sim. Mas não. É mais fácil suspeitar e tomar por criminoso alguém que no mundo tenha a coragem e o amor de chamar a si e fazer seus os filhos de ninguém. Desenterre-se a ver se houve negligência ou crime. Quem é que me diz a mim que, entre os 400 de pais incógnitos que nós hoje acariciamos, quem me diz que os não haja filhos naturais de senhores doutores do Registo Civil — quem? Disto não cuida a lei.

Continua na página 3

Património dos Pobres

HÁ tempos largos que o Património não aparece no Jornal. Será, por isso, talvez que responsáveis da Igreja confundem a Obra da Rua com as Casas do Gaiato. Ainda aparece um ou outro Leitor que manda a sua ajuda para o Património dos Pobres, manifestando, assim, saber que a Obra do Padre Américo não se restringindo às Casas do Gaiato, abrange outras formas de expressar a Caridade cristã.

O Padre Manuel Mendes arquivou uma série de cartas de párocos a pedir ajuda para famílias que constroem ou arranjam a sua casa.

Não damos nada a ninguém sem primeiro ir ver, pois encontramos padres que apenas desejam ser simpáticos sem olharem à justiça das situações. Nós

somos para os mais Pobres. A quem faz uma casa dá sempre jeito uma ajuda, mas nós somos para os que não podem pedir empréstimo aos Bancos. E mais: — começo a pôr uma medida — damos tanto como a paróquia. Sim, a paróquia. A comunidade eucarística ou paroquial. Os Pobres, mesmo que não frequentem, são, por natureza da celebração, uma componente intrínseca. Estes são, por força do Evangelho, assunto de pregação e catequese.

O pão que se reparte no Altar é de todos e para todos! Fonte de generosidade e de paz. Partilha indispensável. Ninguém deturpe o que é sagrado, que os Pobres não têm mais onde recorrer.

Continua na página 3

Malanje

Em Portugal

FLORES nas cidades, nas vilas e aldeias. Uma profusão de flores! Elas são nos quintais, nas rotundas, nos postes de luz e, até nas bermas duma estrada — onde, há dias, encontrei um homem plantando roseiras. Somos um jardim com tanto mar.

Pena que não saibamos aproveitar tantas belezas e tirar delas o pão que já não sabemos arrancar da terra... Montanhas de estevas e urzes em vez de azeite e mel!

Vamos andando — roendo maçãs envernizadas, com sete caldas de veneno, que a Espanha nos impinge. Os nossos pêssegos vermelhos e maçãs de outrora?

Alguma coisa não funciona bem nos gabinetes do mundo...

Não basta aos portugueses a poesia das montanhas de carquejas e das labaredas dos pinhais...

Prejudicial, também, a educação de estufa: O menino não pode ajudar o pai a tirar as ervas do feijoa; ajudar a mãe no arrumo da loiça e

Continua na página 3



Cidadãos destas areias do Universo.

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

DOENTES — Aquele homem que precisa de material clínico para viver, cujo dito não tem quem possa dar-lhe o necessário. A sua mulher trabalha dias inteiros...

São valores que, não fossem as generosas ofertas de quem nos envia o necessário para os Pobres, os seus remédios, etc., quanto mais para a própria vida normal deles, não teriam o indispensável. São doentes incuráveis. E, também, já dissemos, que a sua própria mulher, idosa, terá de suportar tantas, tantas coisas!

Temos casos que, dadas as fraquíssimas pensões, que seriam ou teriam!?

Vale a pena lembrar também uma outra viúva que não tem quem lhe dê ofertas para viver até ao fim... Sente a vida com dificuldade e compreende muito bem como atende, de olhos nos olhos, em sua casa, que, digamos, é limpa e arrumada por vicentinas.

Por tudo isto, as facturas da farmácia andam lá pelos trinta ou quarenta euros mensais. Não falando já dos valores que entregamos normalmente a cada um dos nossos Pobres.

PARTILHA — O assinante 11639, de Ermesinde, com uma remessa para doentes, o necessário para os seus males.

Outra presença, ainda, da assinante 113, do Porto, com 150 euros, que, já em tempos, comunicou «em conversa telefónica, expondo o desejo de ser informada de alguma família com graves problemas habitacionais. Nunca se sabe da partida, mas com as contas a poder habilitar com 92 anos. O meu horizonte naturalmente é 'diminuído' e, daí, a minha preocupação neste assunto. Velha amiga, assinante 113, d'O GAIATO».

A verdade é que, nos fins de Agosto, temos pouca massa para pagar a conta da farmácia!

Mais 500 euros de um Padre Amigo, assinante 42602, na hora própria: «Amarrado ao leme desta barca, não foi possível estar mais perto, nos 50 anos do 'Dies Natalis' de Pai Américo. Empenhei-me em celebrar, aqui, com este Povo de Deus, sempre com O GAIATO por farol».

Entretanto, fui-me consolando com os ecos das comemorações nas edições seguintes. E fiquei em sentido, feliz, a admirar a Solene e Bela Parada. Solene, porque presidida pelas Figuras mais Gradadas da Igreja — a título pessoal e no colectivo — a par de outras tantas da Sociedade Civil. Bela, pela aura de prestígio dos 'Belos Anciãos' (e não só!) da Obra da Rua, com os seus Filhos Magníficos, ali muito bem representados.

Tudo a testemunhar a Grandeza dum Projecto Educativo: inspirado por Deus e nascido no Coração Nobre e Grande desse Homem de estatura invulgar. Outro Padre Himalaia, noutra esfera e com outro sol.

E, a coroar, mais um livro a fazer jus e homenagem ao mérito e competência da Obra da Rua e suas Colunas — do Fundador aos Continuadores.

Venho agora, na cauda da Procissão, como soldado raso envergando, na retaguarda, reafirmar sincera e total veneração a quantos amam e servem a Obra. Peço ao Pai e ao Santo Fundador que vos concedam sempre a Sua Graça e Protecção.

Com um grande abraço de amizade e toda a consideração.»

Para todos, a nossa gratidão em nome dos Pobres.

Eis o endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

Setúbal

FÉRIAS — Terminaram na nossa casa da Arrábida. No decorrer das férias do segundo grupo tivemos alguns problemas com a falta de água da rede. O que nos valeu, para tomar o duche depois da praia, foi a cisterna antiga que a casa tem. Quanto ao resto, correu tudo bem. Enquanto uns rapazes regressaram a Casa, outros ficaram com a D. Conceição a fazer as limpezas.

SILAGEM — O João Correia e o Amândio andaram a ceifar o milho dos nossos terrenos que depois depositaram no silo. O «Fernandinho» e alguns dos rapazes espalhavam e depois punham sal, calcavam-no. Terminada a colheita tapou-se o silo com um plástico para proteger da chuva e do sol.

CAMPO DE JOGOS — Já estão feitos os alicerces para segurar a cobertura. Agora estamos a fazer o piso do campo e depois será montada a cobertura. Os rapazes estão na expectativa de ver como vai ficar o campo.

ESCOLA — Aproxima-se e os rapazes têm de estar ao máximo nível de empenhamento. Este ano alguns estudantes irão mudar de escola por motivos de instalações e para poderem avançar na escolaridade. Estamos para ver os resultados do primeiro período. Quero incentivar todos os rapazes a obterem bons resultados e a superarem algumas dificuldades em disciplinas mais difíceis, no meu caso a Matemática.

VACARIA — Na maternidade da nossa vacaria nasceu um casal de gémeos, o que raramente acontece. O «Miguelinho» e alguns rapazes da vacaria estão a dar o seu melhor esforço para que a mãe dos pequenos vitelos recupere do enfraquecimento após o parto. Graças a Deus que os vitelos estão de boa saúde e em boas mãos.

Daniilo Rodrigues

Malanje

CONTENTOR — Foi com alegria que recebemos o nosso Padre Telmo, vindo de Portugal, das suas férias e dos seus exames médicos, depois de terem revelado uma óptima saúde. Pronto para mais uma batalha da sua vida. Traz consigo a preocupação e promessa do levantamento dum contentor com mercearia, ferramentas, máquinas que, há mais de dois meses, se encontra retido no cais de Luanda.

O nosso Padre Acílio telefona vezes sem conta para saber da chegada do



Gado de Malanje, na Carianga do Padre Telmo.

contentor, mas sempre recebe uma resposta negativa que o entristece. Nada podemos fazer senão esperar. Neste País é uma das capacidades que se tem de adquirir — paciência.

O desânimo, stress, nada resolve a não ser doença e cansaço. Esta é a realidade no presente momento em que a convulsão do desenvolvimento pós-guerra nos leva. Vamos esperar para que nada se tenha deteriorado assim como chegue em boas condições.

Volta e mais voltas, dadas pelo nosso Carlitos, para o levantamento, mas em vão. Papeladas exigidas pelos ingleses para que os impostos sejam pagos mediante valores declarados que parte destes nos são oferecidos e tão pesados nos ficam.

Ajudar é a nossa missão. Mas como? Se toda esta burocracia exigida pelos controladores do cais, que são de origem inglesa, nos leva ao desânimo.

Sabemos que há uma preocupação por parte das autoridades em desbloquear situações como esta, mas tudo leva o seu tempo, como diz o ditado: «Roma e Pavia não se fizeram num só dia».

Notícia mais feliz foi a visita a nossa Casa do Governador, acompanhado pelo Ministro da Comunicação Social (Rablais).

Veio em trabalho governamental e nem por isso nos deixou de visitar, pondo de parte os protocolos. Foi nosso gaiato e será sempre, assim o diz, com grande alegria. Dá o seu testemunho e quer ajudar-nos a resolver situações que nos preocupam, como desbloquear os contentores, procurando uma forma de decreto-lei para esse efeito.

O Governador, de igual modo, com a abertura de concursos para repartições administrativas. Deu prioridade aos nossos, pedindo que organizássemos processos individuais.

Oportunidade única que não podemos desperdiçar.

É para jovens dos 18 aos 35 anos, com escolaridade mínima exigida o oitavo ano. Todos os processos organizados foram entregues ao Secretário do Governador, para dar início ao con-

curso e com a promessa de os colocar nas respectivas administrações.

Vamos confiar nesta saída para o mercado do trabalho, para os nossos, com idades avançadas, assim possam organizar as suas vidas.

VIDAS ESFARRAPADAS

— Estava na oficina quando um turista chega. Fui ver quem era. Sai uma senhora com um bebé de tenra idade, aflita, perguntando pelo nosso Padre Telmo. Reconheci a senhora. Esposa dum antigo gaiato. A sua aflição era o marido, tinha sido apanhado a conduzir sem carta. O Padre Telmo não se encontrava. Inquieta e ansiosa mandei-a sentar na varanda principal. O marido foi aconselhado, vezes sem conta, que não conduzisse sem carta. Não deu ouvidos e o resultado está à vista.

A senhora fez o pedido ao Padre Telmo para interceder junto do advogado X — fui com ele. Um dia depois, diz que o advogado X não resolve e que o marido daria entrada na comarca no dia seguinte.

O turismo era conduzido por agente graduado. Amigo da esposa.

O tempo passa, a aflição aumenta. Mandei-o de volta, nós a levaríamos num dos transportes. O Padre Telmo chega. A senhora, desorientada, corre em direcção à viatura falando do seu problema uma vez mais. Parte com promessa de um telefonema ao advogado X. Mais calma, diz que venderia alguns dos seus bens, se necessário, para salvar o seu marido.

Aflição duma mãe e esposa.

São notícias como esta que vão desgastando o nosso Padre Telmo.

Um pai não deixa seu filho na cadeia, embora não fizesse mal algum, uns dias de prisão.

Pelas 17h30 dois homens aparecem embriagados, amparando-se um ao outro, passando por nossa Casa em direcção à sua aldeia, resmungando. Mais à frente um deles cai, ficando umas horas na berma da picada, enquanto o outro seguia seu caminho. Eram 22h00 quando acordou e se

levantou, dando as boas noites, cambaleando. Queixa-se das pernas dizendo, ter sido agredido. Não vimos ferimento algum. Era feito do caporoto, bebida forte. Queria dormir. As pernas não aguentavam seu corpo. Chamo o guarda para que o acompanhe e o ponha a dormir, num quarto. O guarda não esteve para mais medidas. Levou-o até ao desvio da sua sanzala, veio ao nosso encontro e diz:

— É um grande gatuno, não merece que o acolhamos.

Não sabemos. Confiamos no guarda. Padre Telmo aparece, enfrochado, dizendo ao guarda que fez bem levá-lo. Assunto encerrado.

Uma das nossas lavadeiras perde a filha e fica à guarda do bebé. Seios secos não amamentam a netinha. Pede um pouco de leite em pó. Joaquina responde:

— Tenho de dar conhecimento ao Padre Telmo, para que autorize.

Compreende a posição. Falou-se ao Padre Telmo do assunto:

— Uma bebé perdeu sua mãe, ficando à guarda da avó.

— É contigo!

Autorização concedida!

A dor do Povo é mais forte que a nossa rejeição. Há que repartir o pão dado pelos Pobres — que é mais sabroso e mais rico.

MIGUITO — Foi com tristeza que recebemos a notícia da sua morte, com 22 anos. Não estava na nossa Casa, mas, sim, na cidade — no lugar e hora errada. Colhido por um automóvel, na berma da estrada que liga ao aeroporto, o carro, desgovernado, atirou-o por terra, ficando em coma.

Socorrido, chega ao hospital com vida, mas não aguentou o trauma; e partiu para junto de Deus. O funeral realizou-se na Casa do Gaiato. A celebração, de corpo presente, decorreu com grande pesar e respeito, ouvindo-se a palavra do Evangelho e o chamamento e o respeito pela vida. De seguida, foi a depositar no cemitério de nossa Casa.

Que a sua Alma descanse em paz.

Júlio Silva

Património dos Pobres

Continuação da página 1

As homilias da Missa devem também versar a vida das pessoas. Os doentes, os deficitários, os angustiados e os pecadores são temas obrigatórios a passar por cima de trechos académicos por melhor elaborados ou profundos que sejam. O Mestre fez assim. Ia à vida!

Regalei-me, há dias, com a visita feita a uma vivenda, construída por um homem de cadeira de rodas. Ampla. Compartimentos bem repartidos. Fruto da ajuda dos filhos, da família e de outra gente.

— Sim, senhor, pago-lhe a telha — 1200 euros.

Um telefonema pede-me para ir ver uma casa antiga do Património dos Pobres. Situada numa freguesia distante, mas ainda no concelho de Penafiel. Construída de pedra antiga, como tantas outras que Pai Américo ajudou a levantar. Pequena: — cozinha com forno e lareira de lenha, sala, um quarto e uma retrete. Telhado a cair, sem portas nem janelas e transformada num armazém de lixo repugnante.

Havia festa na terra. Altifalantes instalados no centro da freguesia inundavam-na de música pimba, durante a semana, os dias todos e parte da noite. Reclames anunciavam a festa do santo e um grande palco desmontável, alugado, indicava que os conjuntos musicais e bandas abrilhantariam noitadas seguidas! O fogo teria de ser mais intenso que o do ano

anterior como também mais forte e duradouro do que o da freguesia vizinha!

Pobre santo que assim és um honrado pelos teus (*devotos?*). Transformaram-te num deus pagão que responde aos caprichos e paixões dos seus adoradores.

Pobres de nós, diria eu, que perdemos a atracção pelas virtudes e heroicidade do santo, o qual, em vez de modelo de perfeição humana e social a seguir se transformou em réplica à nossa miséria humana e tacanhez espiritual!

Quantas casas se construiriam ou se modernizariam naquela freguesia, com dinheiro tão mal gasto?! Com dignidade e divertimento, em moldes diferentes far-se-ia uma festa de encher a alma das pessoas a preços muito mais reduzidos.

As festas são elementos importantes à coesão social das pequenas e grandes comunidades. Um tempo de prazer e de alegria!...

Uma família com três filhos, um irmão deficiente precisa daquela casa. Foi morada dos pais, já falecidos.

É necessário ampliá-la com, pelo menos, mais dois quartos e uma casa de banho. Mas a freguesia tem de se empenhar nisso.

O Património não tem fundos. Está a construir, de raiz, uma casa nova para outra família numerosa de que vos falarei nos próximos números.

Temos notícias desoladoras de algumas paróquias, com gente muito pobre no seu seio, a fecharem casas do Património, tapando janelas e portas com tijolo e cimento ou mesmo pretendendo passá-las para as juntas de freguesia. Dói-me a alma com os tristes sinais duma Igreja sem força, oca de fé e vazia de missão apostólica.

Dar casa a uma família é pregar que Cristo está Vivo e Actuante!

Padre Acílio

Moçambique

Continuação da página 1

mas quando não tem; só também os que nada têm, são solidários.

Este ano a ajuda estende-se a um pequeno Centro que chamámos Padre Américo Vilar, por ele, com seus alunos, querer que a sua contribuição fosse canalizada para aqui. Assim, temos, agora, um pequenino Centro com seu escritório e armazém onde, semanalmente, é posta nas mãos dos idosos e dos portadores de HIV uma

ajuda alimentar substancial. Temos pessoas da Comunidade católica a desempenhar carinhosamente essa tarefa. Ainda no mesmo há cinco camas, para os doentes de longe que, pelas seis horas da manhã, seguem para o hospital na ambulância que nos doou a Cooperação Portuguesa. Mais ainda outras cinco camas para os activistas do HIV que vêm à formação permanente. São quatro quartos com suas casas de banho completas. É este,

certamente, um serviço de amor dentre todos os que nos fazem viver o dia-a-dia, que ultrapassa qualquer ordenamento estatal a que tenhamos de nos submeter e dá o carácter puro da acção da Caridade. O Estado prescinde do amor e desfaz-se do ser humano enquanto ser humano, usando palavras de Bento XVI. Deixa que morram. Isto tanto se pode aplicar à sua interferência nas Casas do Gaiato, em Portugal, como quanto à situação de tantos cidadãos, irmãos nossos, que aqui nos cercam. Usando palavras mais banais, é uma alegria, para não dizer um direito, que ninguém nos pode roubar, o dispormos de uma ajuda e de um lugar em que, com tão, pouco se faz tanto. Que Deus abençoe quantos contribuam para a APARF ou nela colaboram.

Padre José Maria

Cantinho dos Magistrados

Continuação da página 1

Sim, eu devia ter voz de prisão pelo que disse aqui na Aldeia, e também pelo que agora escrevo; deveria. Mas eu acredito na Justiça. E foi precisamente por causa desta Justiça em que acredito, foi pela força dela que a comitiva do Tribunal se foi embora sem querer profanar a cova dum filho que me morreu. Digo bem profanar. Vistas as coisas a esta luz, a diligência da lei era profanação!

Este é um texto exemplar de um homem que confia na Verdade, na Justiça... e no respeito e boa-fé dos que têm o dever de as executar.

Aconteceu o caso e foi relatado nos anos quarenta do século passado. O regime de então estava na sua máxima pujança. A Censura era o estorvo dos que queriam dizer suas verdades. Era, sim senhor, e foi mau que o fosse! Mas quando lhe aparecia pela frente a força da Verdade que é carácter dos Profetas; quando não era de intenção especificamente oposta a ninguém, mas sim a males instalados, para que fossem corrigidos — havia respeito pela voz que se levantava, embora incómoda aos poderes e aos poderosos.

Foi desta espécie a voz de Pai Américo. E, decerto por isso, nunca a Censura gastou lápis a cortar-lhe fosse o que fosse. Seria possível um escrito assim nestes tempos de amplas liberdades?!

Padre Carlos

DOCTRINA



Eles dão lições ao mundo egoísta...

NÓS ligamos muita importância à venda do nosso Jornal feita pelo próprio garoto; e, no relato que dela aqui fazemos, procura-se dar o máximo de objectividade. Pena tenho de não poder seguir os vendedores de perto ou de, ao menos, estar no Porto nos dias em que eles vendem. Comunicaria, desta sorte, mais vida e mais interesse a esta secção do Jornal — aquela vida e aquele interesse que eles comunicam à gente no regresso da sua missão. Mas não tenho tempo.

A expedição do periódico é já, em si mesma, uma fonte de regozijo. É na quinta-feira, à noite, na nossa sucursal do Porto. O Jornal está em pilha sobre a mesa do ping-pong. Os pequeninos obreiros começam a chegar da loja e da fábrica e esfregam as mãos de contentes ao verem a tarefa daquela noite. Segue-se o silêncio à algazarra. Os rapazes depõem armas e vestem-se de homenzinhos. Por volta da meia-noite está tudo empacotado e dentro de sacos, prontinho a seguir. O «senhor perfeito» não esteve nem faz falta nenhuma. Agora que tudo está no seu lugar, os homenzinhos depõem armas, vestem-se de rapazes e vêm todos para a cozinha numa algazarra de botar abaixo, onde os espera um café bem quentinho, e o pão da mesma sorte. O «senhor perfeito» também não assiste a este trabalho nem a sua falta se notou. Passa da meia-noite. As fábricas apitam cedo. «Boa noite, rapazes», diz o chefe e todos compreendem. Eis o quadro vivo da expedição do Jornal. Quem quiser tirar a prova, a nossa Casa é no 682, na Rua D. João IV.

A página da venda é muito mais iluminada. Não é por um simples capricho ou reclame que se enviam os rapazes para vender. Há um segredo divino neste procedimento. Uma força construtiva. Uma prova realizada. Cada quinzena que passa é um novo espanto; para mim consolação e recompensa. Nunca se viu em Portugal e dentro de Casas de educação um Jornal como o nosso, que faça escola e seja escola.

Os nossos rapazes mostram-se, revelam-se. Têm infinitas ocasiões de fortalecer por si mesmos a consciência derancada com que chegaram um dia aos nossos santuários. Habitua-se a contar dinheiro, a fazer trocos, a tratar com os homens, à prestação de contas, à honestidade. É uma escola.

D. Américo S.!

(Do livro *Doutrina*, 1.º vol.)

Malanje Os dois ordinandos

Continuação da página 1

da mesa. Incrível aos olhares míopes um leve puxão de orelhas quando o filhinho se porta mal; compreensível para eles que a mãe ande pelos aposentos recolhendo a roupa que, ele, filhinho, deixou espalhada.

Multidão comprimida

A multidão comprimida no grande estádio tem a força duma onda gigante — agitando as bandeiras do que hoje chamamos pátrias. Cidadãos destas areias do Universo — ainda divididas por pontinhos minúsculos, linhas, falas e ideias. Passaram os impérios, as arenas e as catedrais... Ficaram os estádios e, no rectângulo, os onze contra onze aos pontapés na bolinha, biqueiradas, cabeçadas e quedas brutais!, sem harmonia, sem graça amorosa e ausência de beleza e som que nos eleve!

De vez em quando pela grande anhora da planície verde passam os elefantes — indiferentes, altivos e belos!, que nos poem a sonhar com as coisas belas que Deus criou para nós. Contraste vivo com a grande multidão agitando bandeiras e lenços — soltando gritos estridentes parecidos aos dos nossos antepassados de há milhares de anos.

— **V**OU seguir mesmo o grande navio... O grande sulco das águas revoltas, espuma e bolhas brancas... Mergulho numa entrega total.

— Estás tonto!, vais desaparecer no turbilhão, nunca mais serás tu.

— Muito embora, sem o mergulho, nada, não serei sugado pela quilha poderosa numa atracção total.

— Podes ter o teu barquinho e seguir ao lado na planície prateada do teu mar. E que mal uma visita às ilhas tranquilas e fantásticas das margens maravilhosas da linha traçada da grande rota?

— Se assim, vou ter somente a ilusão de seguir o meu pacote dourado...

— Nada disso, terás antes os teus passos, reputação, vida plena. Já reparaste nas ilhas de sonho: A tua biblioteca, a tua posição, o teu mando, o manto da técnica e a tua segurança? Nas profundezas, as águas revoltas rasgarão o teu fato, os livros e a tua reputação — serás um farrapão arrastado.

— Nada, não, Ele é cioso, quer tudo. E foi à frente. Mergulhou no sulco. Somente — a vontade do Pai e a instauração do Reino.

Não há lado prateado nem Praias tranquilas. Só o grande rego nas águas salgadas do mar profundo, onde, bem nítidas, resistem às ondas — as pegadas do Senhor.

Padre Telmo

Duas notas

GRATAS porque ambas de vida, ainda que uma surja a propósito da morte de um sacerdote quase centenário.

A primeira tem por fundo os casamentos que ontem, 2 de Setembro, à mesma hora do meio-dia, foram realizados, um em Paredes, o outro em Miranda do Corvo. Dois Pedros, um neto e um filho. Deste dirá Padre João, que nele encontrará motivo bastante de inspiração. Do neto falo eu para anunciar, *urbi et orbi*, que a Família que a Obra da Rua é, continua graças a Deus, agora vivificada frequentemente pelo Baptismo dos bisnetos — e quem dera muitos a travar o envelhecimento preocupante do Povo português.

Acontece que a nova neta que o Pedro trouxe à nossa Família é uma de dezasseis irmãos, que ali estavam todos com seus Pais, vigorosos e comunicativos de alegria, apesar dos trabalhos que certamente terão passado para criar e lançar na vida tão numerosa descendência. Mas eles não tiveram medo — e a prova de que Deus não falta aos que n'Ele poem toda a sua confiança e em Suas mãos todas as suas capacidades, estava ali diante dos nossos olhos. Acontecimento hoje tão raro poderemos contemplar estas reservas de *saúde social* que gente modesta e trabalhadora constitui para a generalidade do Povo a que pertence! Louvado seja Deus que sempre os abençoou e há-de abençoar até ao fim das suas vidas!

A segunda nota é uma memória de gratidão a Padre Germano que dirigiu o Colégio João de Deus durante décadas, o *nosso* Colégio, a Escola por onde passaram até ao 25 de Abril, até que o Colégio foi, quase todos os rapazes da Casa do Gaiato de Paço de Sousa que estudaram para além do quarto e sextos anos. Podia o *numerus clausus* ser razão para suspender as matrículas aos alunos pagantes..., mas nunca elas foram recusadas a nenhum gaiato.

E depois, era tão bom!: o Colégio a um ou dois minutos do nosso Lar; o acompanhamento dos rapazes; a qualidade do ensino! Para os que não tiveram asas ou vontade de ir mais além, quantos *quintos anos* daquele tempo, fecundos em ciência e hábitos de trabalho, foram o fundamento para uma vida organizada e de razoável nível, para rapazes, hoje à roda dos cinquenta anos! E para nós, encarregados de educação, que tempos de paz!

E por sobre todos estes dons, a fidalguia da Caridade que era timbre de Padre Germano: Tratava-nos com respeito e afeição como se fora ele o alvo de tamanhos obséquios! Se fosse costume nosso a «galeria dos insignes benfeitores», o seu retrato seria ali dos que tinham lugar reservado. Não temos nem ele precisa disso para nada. A recompensa do bem que fez e da delicadeza com que o fez, já Deus lha deu. E LÁ, nós contamos com sua amizade e intercessão continuadas, enquanto por cá guardamos no nosso coração a sua memória.

Padre Carlos

PENSAMENTO

Quer no campo, quer na eira, quer na Capela. Que importa o lugar, se o espírito é que louva o Senhor!

«Quer comais quer bebais, fazei tudo em nome do Senhor.»

PAI AMÉRICO

Setúbal

A venda do nosso Jornal

O dia em que escrevo é mais um de *venda* do nosso Jornal.

Um grupo de nove rapazes, após o pequeno-almoço, acompanhados por um mais velho, seguem alegremente, como é seu timbre, para a distribuição, em vários locais, d'O GAIATO.

É uma tarefa que todos gostam de fazer. Mas é aos que andam na casa dos 12 anos de idade que compete fazê-la.

À medida que os rapazes vão crescendo, começam a pedir para «ir para a venda». É o mundo que se lhes abre nos seus horizontes de sonho, cheio de novi-



«Que importa o lugar, se o espírito é que louva o Senhor!»

Benguela

Vamos abrir as nossas mãos

DE novo, em Benguela. Estou a escrever ao som dos cânticos de dezenas de crianças da nossa escola, acompanhadas dos seus professores. É a alegria do reencontro. Cumpre-se, deste modo, a Palavra libertadora, desta manhã, saída dos lábios de Jesus Cristo, na sinagoga da sua terra natal.

Queremos que a nossa vida seja uma Boa Notícia para os Pobres. Para isso fomos unguídos e enviados. Todos os crentes são chamados a participar desta missão. São enviados a anunciar a liberdade aos cativos. Há tantas formas de cativeiro! Se não fosse a nossa escola, quantas crianças ficariam presas da ignorância, do analfabetismo! Assim, entram no caminho da liberdade humana. Somos enviados a anunciar a vista aos cegos. Há tantas formas de cegueira! Estas crianças querem ver! Estes filhos e filhas não podem mais ser vítimas inocentes.

Quem as pode libertar? Sou eu. És tu. Cada um de nós, na medida da nossa generosidade, tem o remédio nas mãos.

Enquanto os filhos estão na escola, vejo as mães, de enxada ao ombro, a caminho do campo. Há mais duma dezena de anos me apareceram esfarrapadas, com os peitos secos e os filhos dependurados. Agora, são mulheres normais, com o sorriso de gratidão por todo o bem que receberam. Foi uma obra da justiça, animada pelo Amor.

Partilho convosco esta experiência para sentirdes também o fruto das vossas renúncias e da partilha dos vossos bens. Tenho dito muitas vezes e repito, neste momento, que, sem a vossa ajuda, não seria possível ver esta maravilha. Queremos continuar a caminhar. Queremos ajudar a abrir o vosso coração às necessidades mais urgentes destes filhos e filhas que têm o direito de ser felizes e não têm culpa nenhu-

ma da situação angustiante donde querem sair.

Assumimos a parte que nos toca, sem tirar a responsabilidade do que podem e devem fazer. Assim procedemos com os pais ou familiares que nos procuram para recebermos os seus filhos. Queremos ser unicamente a Casa de família dos sem família. Com o fim da guerra das armas, muitas crianças regressaram da mata, onde estavam refugiadas, e foram acolhidas por algum familiar que já tinha os seus filhos. Buscam a Casa do Gaiato. Resistimos tanto quanto podemos para salvaguardar um valor humano muito rico da cultura africana: A família alargada. Ajudamos doutra forma que não pelo internamento. Assim aconteceu, logo que cheguei. Há verdadeiro heroísmo de tantas famílias! São um apelo muito forte contra o egoísmo e a indiferença que tentam instalar-se em nossas vidas. Vamos abrir as nossas mãos!

Padre Manuel António

dades, de novos amigos e de tantas coisas boas com que eles os costumam acumular.

Nós vemos tudo isto. E também a oportunidade que lhes serve para o seu crescimento, e os confronta com a dialéctica presente em todas as idades, entre o ser e o ter. Descobrir a forma de harmonizar na vida os dois verbos, é um caminho de lutas interiores no confronto com as evidências exteriores.

Geralmente os rapazes começam na *venda* sem se darem conta do poder do dinheiro que os nossos amigos depositam em suas mãos. Depois vão-se dando conta dele, e então começam os

trabalhos para se afirmarem como seres com consciência e responsabilidade. Por isso a nossa *venda* é uma verdadeira escola de formação de carácter.

O produto da *venda* é também uma ajuda para muitas despesas que todos os dias temos de fazer. Os rapazes percebem esta necessidade no presente, e vão-se interiorizando para o futuro.

Ser um participante activo na vida vale mais que muitas representações passivas. Antes ser actor que espectador. Infelizmente, em casos similares ao nosso, muitos adultos preferem ocupar o lugar do actor e colocar os rapazes como espectadores.

Interesses que falam mais alto.

A utilidade do que se faz é também para ser tida em conta. A vida não é só lazer. Na minha modesta opinião, quem crescer nele, dificilmente conseguirá trocar o 1 pelo f. Há voltas que na vida são muito difíceis de dar.

Agora toca o telefone. É a senhora a convidar dois dos nossos vendedores que foram distribuir O GAIATO à sua fábrica para almoçarem lá e a pedir o nosso consentimento. Decerto que sim! Após o qual os virão trazer a Casa.

Assim, todos ficamos contentes.

Padre Júlio